



## SEÇÃO TEMÁTICA



**“Tem que ser bagual, tem que pegar boi pelo pescoço”:**  
Masculinidades interioranas e o dispositivo do armário em Santa Maria - RS

Daniel da Silva Stack, *Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC)*

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado<sup>1</sup> que utilizou a etnografia digital para investigar o aplicativo Grindr, uma plataforma de geolocalização voltada para encontros sexuais entre homens. A pesquisa focou na vivência de quatro jovens universitários, com idades entre 24 e 27 anos, residentes em Santa Maria e oriundos de cidades menores ou zonas rurais do Rio Grande do Sul. A investigação evidenciou como esses jovens aprenderam sobre a masculinidade em seus contextos familiares, escolares e sociais em suas cidades de origem, e ainda, como tais vivências impactam seus usos em aplicativos de relacionamento. A pesquisa expôs semelhanças e diferenças nas trajetórias dos interlocutores, destacando a influência de sua origem no "interior" sobre suas compreensões de gênero e sexualidade, onde elementos da cultura campeira são centrais na construção do conceito de masculinidade no interior gaúcho. O termo *bagual*, que descreve um homem arisco e valente, exemplifica um ideal de masculinidade vinculado ao trabalho rural e à pecuária, predominante entre os participantes oriundos das zonas rurais. A pesquisa também analisou como esses jovens navegam entre diferentes contextos — sua cidade de origem, a cidade universitária e a plataforma do Grindr — e como utilizaram códigos de masculinidade de maneira estratégica no aplicativo para formar e gerenciar suas identidades sexuais e de gênero.

<sup>1</sup> Gostaria de expressar minha sincera gratidão ao meu orientador de mestrado, Fernando de Figueiredo Baliero, por seu apoio incondicional, orientação valiosa e incentivo ao longo de minha jornada acadêmica. Sua expertise e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.



---

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Homossexualidades. Interior.  
Aplicativos de relacionamento.

---

## **Introdução**

Este artigo tem como objetivo discutir as configurações de masculinidades em contextos interioranos do Rio Grande do Sul, a partir das trajetórias de quatro jovens universitários oriundos de pequenos municípios ou zonas rurais do estado. Os interlocutores foram selecionados por meio de um estudo etnográfico realizado em um aplicativo de relacionamento, o Grindr<sup>2</sup>. A pesquisa teve início com uma etnografia no aplicativo, realizada entre julho de 2020 e junho de 2021, a partir da localização na cidade de Santa Maria<sup>3</sup>, com o objetivo de observar a recorrência de padrões normativos nos perfis dos usuários, a construção racionalizada dos perfis, as apresentações do corpo e as negociações da sexualidade. Paralelamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio da plataforma Google Meet, durante o período de julho a dezembro de 2021. As narrativas dos jovens universitários destacaram uma série de aspectos culturais e subjetivos significativos em suas trajetórias, conjugando as exigências culturais de um modelo de masculinidade viril com a regulação heteronormativa da sexualidade. Nos usos dos aplicativos de relacionamento, foi possível compreender como eles agenciam questões relativas à masculinidade na busca sexual.

A pesquisa utilizou a etnografia digital (HINE, 2015; 2016) como metodologia, considerando a internet como um "artefato cultural", cujas dimensões (incorporada, corporificada e cotidiana) geram novos padrões culturais e sociais que podem ser investigados sob a perspectiva

---

<sup>2</sup> Aplicativo de geolocalização voltado para o sexo entre homens, ele exibe de modo gratuito noventa e nove perfis de usuários de acordo com a proximidade, não é necessário ter o interesse prévio de outros perfis para a interação, como o match no Tinder, todos os usuários são exibidos na grade de perfis e podem contatar os outros, exceto o perfil sofreu bloqueio.

<sup>3</sup> O município de Santa Maria é localizado na região central do Rio Grande Sul, com uma população estimada em 2020 de 283.677 habitantes de acordo com IBGE 2020, sendo a quinta cidade mais populosa do estado. Santa Maria se destaca por ter a primeira universidade da região Sul a não localizada em capitais, a Universidade Federal de Santa Maria. Em conjunto, é a segunda cidade com maior contingente de militares do Brasil, ficando apenas atrás do Rio de Janeiro.



sócio-antropológica. A investigação do aplicativo Grindr, com foco na localidade de Santa Maria – RS, possibilitou um contato próximo com os usuários, resultando na realização de entrevistas semiestruturadas com quatro jovens universitários, com idades entre 24 e 27 anos. As entrevistas tiveram como foco abordar aspectos particulares não visíveis nos perfis dos usuários, como a construção de ideais de masculinidade na infância, a vivência em seus contextos de origem, a mudança para Santa Maria, as negociações da sexualidade e, especificamente sobre o aplicativo, compreender como as interações online resultaram em encontros presenciais, os critérios utilizados na busca sexual, as possíveis frustrações com o uso dessas tecnologias e os contrastes entre as exigências da plataforma e as realidades dos usuários em seus contextos sociais, examinando aspectos culturais e subjetivos relacionados à construção da masculinidade.

Ao ingressar no campo de pesquisa, ficou evidente a importância da construção da masculinidade entre os usuários da plataforma. Para compreender as narrativas sobre masculinidades no aplicativo, foi necessário investigar a produção social de gênero e sexualidade ao longo das trajetórias dos interlocutores. Isso levou à análise de como esses jovens percebem sua sexualidade e como manejam os códigos de gênero na plataforma para buscar contatos sexuais.

Os jovens entrevistados descrevem seus contextos de origem – pequenos municípios urbanos ou zonas rurais – como interioranos. O termo "interior", tal como mobilizado na linguagem êmica do campo estudado, refere-se a algo mais específico do que as cidades do estado que se localizam territorialmente fora da área metropolitana das capitais ou do litoral, como Santa Maria, município de médio porte localizado na região central do estado. Conhecida como uma cidade de trânsito, os interlocutores da pesquisa são representativos de uma população que se mudou para a cidade, mas mantém laços com suas cidades de origem.

Desse modo, os termos “interior” e “cidade pequena” são utilizados ao longo do texto a partir das significações desses sujeitos e dos tipos de relações que estabelecem em cada contexto (ARAÚJO; RIBEIRO, 2020; SOUZA, 2021). Como destaca Rosane Prado (1998), o “inferno da personalidade” demarca experiências comuns em cidades pequenas, onde as relações sociais são mais estreitas e coercitivas. Assim, tanto o contexto pesquisado, a cidade de Santa Maria, quanto os municípios de



origem dos jovens entrevistados, são considerados contextos do interior do Rio Grande do Sul. No entanto, as descrições de seus municípios de origem, devido às relações estabelecidas, fazem com que o termo “interior” seja utilizado com maior frequência para nomear as relações em suas cidades de origem.

Os interlocutores residem em Santa Maria e organizam suas vidas com visitas frequentes às suas cidades de origem, onde preservam relações familiares e de amizade. Assim, tornou-se relevante analisar a dinâmica da construção da masculinidade em relação aos laços sociais mais profundos estabelecidos em pequenas comunidades (ABRAMOVAY, 2000; PRADO, 1998). Além disso, ao deixarem suas cidades de origem e se deslocarem para um ambiente urbano mais amplo e distante de suas famílias, esses jovens encontraram a oportunidade de formar redes de relações com outros homens gays, permitindo-lhes experimentar a homossexualidade de maneira mais aberta, mas também apresentando preocupações com a visibilidade da homossexualidade.

Na trajetória dos interlocutores, não se fez presente apenas um ideal de masculinidade, mas diversas interpelações sobre a masculinidade, que se apresentavam dependendo do contexto, tal como Connell e Messerschmidt (2013) apontam em relação a complexidade na construção hegemônica da masculinidade ao tomarmos como objeto as sociedades contemporâneas, marcadas por influências culturais locais, regionais e globais. Na pesquisa, as narrativas de alguns dos interlocutores, por exemplo, demonstraram a relevância de signos do mundo rural, como o cuidado de animais de grande porte, o trabalho braçal na lavoura, entre outras práticas que constituem o “ser homem” em contextos de “masculinidade campeira” (LEAL, 2019). Já na interface do aplicativo, eles se deparam com exigências e enunciados de gênero que remetem à produção de uma masculinidade valorizada na busca sexual entre homens, caracterizada por um modelo de estética corporal idealizada com base nos circuitos gays metropolitanos (MISKOLCI, 2017).

Foi possível identificar um contraste entre as exigências discursivas dos usuários do Grindr, na busca por padrões estéticos normativos, e as possibilidades limitadas de respondê-las em um contexto social e cultural distinto, algo perceptível tanto na observação



em campo quanto nas entrevistas com os interlocutores. Patrick<sup>4</sup>, por exemplo, afirma que em Santa Maria “*exigem o padrão Rio de Janeiro*”<sup>5</sup> e conclui que, na localidade, “*90% dos perfis são fora do padrão*”.

A construção da masculinidade também perpassa a forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257), o que pôde ser observado nas performances e narrativas nos perfis do aplicativo. Um dos aspectos centrais é a relação com a homossexualidade, onde é possível identificar que a masculinidade valorizada através do aplicativo é aquela que emula a masculinidade vista como heterossexual, o que fica latente nas autodefinições em termos como “*homem de verdade*”, “*macho*”, “*discreto*”, na constante rejeição à feminilidade e na busca por parceiros não-assumidos (MISKOLCI, 2009; 2017).

Como argumenta Daniel Welzer-Lang (2001), a masculinidade é frequentemente definida em termos de oposição ao feminino, o que se manifesta nas expectativas e interpelações desde a infância sobre o que significa ser um “homem de verdade”. O que também se reflete na busca afetiva e sexual entre homens, especialmente porque a homossexualidade historicamente carrega o estigma de ser associada à inversão de gênero. Tais construções de masculinidade foram observadas na vivência dos jovens universitários.

Nos próximos tópicos, busco abordar as construções contextuais da masculinidade dos interlocutores, ressaltando a relação entre o aprendizado da masculinidade em cidades do interior e a homossexualidade em diálogo com o “dispositivo do armário” (SEDGWICK, 2007), o qual, em cada contexto de agenciamento, seja em seus municípios de origem, na cidade de Santa Maria - RS ou na interface do aplicativo, apresenta distintas maneiras de (in)visibilizar a homossexualidade. Posteriormente, evidencio como as concepções de masculinidade experienciadas nos contextos de origem se distanciam e se aproximam dos ideais de masculinidade presentes no aplicativo voltado para o público homossexual.

---

<sup>4</sup> Todos os nomes presentes no artigo são ficcionais como procedimento ético de confidencialidade da identidade dos interlocutores. Os municípios, além de Santa Maria, também tiveram seus nomes e algumas informações ocultadas como resguardo do anonimato, assim como o curso que os estudantes realizavam no momento da pesquisa.

<sup>5</sup> De modo a padronizar a escrita e facilitar a leitura, todas as citações a categorias nativas pertencentes ao campo de pesquisa apresentam aspas e itálico para serem diferenciadas de conceitos teóricos.



## Masculinidades interioranas e a vivência homossexual

O aprendizado da masculinidade perpassa a relação entre gerações, na família, onde os costumes locais se reproduzem concomitantemente com a reprodução das normas de gênero. Na escola e na vizinhança, o gênero é produzido “através de estruturas de grupos de pares, controle do espaço escolar, padrões de encontros afetivos-sexuais, discursos homofóbicos e assédio” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253). Em ambos os contextos, a homosociabilidade é uma dimensão central, e a aprendizagem da masculinidade – muitas vezes marcada pela violência – se dá, principalmente, na relação intra-gênero, ou seja, exclusivamente entre homens (SEDGWICK, 2007).

As narrativas dos jovens interlocutores revelaram diversos contextos onde a masculinidade é produzida e reforçada. Práticas como as “*carneadas*”<sup>6</sup> e o trabalho familiar na lavoura, além de instituições como o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e a escola, destacam-se como lócus de produção do gênero, ambientes onde a masculinidade é (re)produzida e ensinada. A forte sociabilidade masculina nesses contextos contribui para a transmissão de normas de gênero, muitas vezes através da violência simbólica (KIMMEL, 1998), que define e reforça os comportamentos considerados aceitáveis para um “homem de verdade”. Esses espaços não apenas reiteram, mas também moldam as concepções culturais sobre o que significa ser homem, evidenciando a influência de práticas tradicionais e relações sociais na construção da masculinidade (LEAL, 2019). A questão da masculinidade nesses espaços retoma o fantasma da homossexualidade, confirmando um regime regulatório baseado na coerência entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais (BUTLER, 2003). Aqueles que escapam dessa coerência são alvos de violência simbólica ou física nas relações sociais, experienciadas pelos jovens interlocutores em diferentes momentos da infância.

---

<sup>6</sup> Costume cultural que envolve o abate de uma grande animal e a divisão de sua carne entre famílias, no contexto pesquisado, os tios e primos que criavam os animais se reuniam em um dia específico para realizar o abate, visto pelos sujeitos como uma tarefa masculina.



Neste sentido, a análise de Michel Foucault (2010) sobre a sexualidade auxilia a compreender como a sexualidade é moldada, regulada e influenciada por normas sociais, políticas e culturais também no contexto estudado. É através do discurso e das relações de poder que a sexualidade se organiza em nível individual e coletivo, sendo a produção social do gênero e da sexualidade resultado de processos históricos e sociais particulares. Este conceito nos ajuda a discutir a produção das masculinidades interioranas para homens cisgêneros e gays em contextos do Rio Grande do Sul. A masculinidade, por não ser singular e fixa, sendo consequência da ação individual e coletiva de diferentes grupos de homens, traz nuances nas quais cultura, sociedade e subjetividade resultam em modelos de masculinidades permeados por relações de poder (KIMMEL, 1998; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; CONNELL, 2003; MISKOLCI, 2016).

Dos quatro jovens selecionados para a pesquisa, Lito<sup>7</sup> e Félix<sup>8</sup> residiam em zonas rurais de seus municípios de origem, enquanto

---

<sup>7</sup> Lito é um jovem homossexual de vinte e quatro anos, pós-graduando na UFSM. Vindo da zona rural do município de Santa Maria, filho de um agricultor e uma professora. Teve cobranças constantes do pai e irmão para que se reconhecesse com a masculinidade do campo, na execução de funções braçais e na lida com animais de grande porte. De sua mãe houveram cobranças para que em seu corpo trouxesse signos da masculinidade, como andar sem rebolar, voz grossa e firme entre outras. Em sua infância frequentou o CTG de sua linha rural, fez o ensino médio na parte urbana do município e teve seu primeiro encontro com outro homem no segundo ano de sua graduação.

<sup>8</sup> Félix, jovem homossexual de 27 anos, é oriundo de um município no interior do estado com contingente populacional de pouco mais do que três mil habitantes (IBGE 2020), sustentado economicamente pela agricultura e pecuária. Esse interlocutor relatou que o medo com relação a exposição de sua sexualidade se construiu através de enunciados religiosos, aprendidos em sua infância e adolescência, que condenavam ao inferno os homossexuais. Ao retratar seu município e consequentemente seus familiares, afirmou que esses “vivem ainda no século XIX”, em razão disso, relata que após duas tentativas de suicídio passou a compreender e desejar uma possibilidade de vida fora do seu município. Ao se mudar para Santa Maria com vinte e seis anos teve suas primeiras experiências homoeróticas com rapazes que conheceu através do aplicativo. A vigilância incisiva da sexualidade e gênero em seu município de origem fez com que a homossexualidade devesse ser camuflada. Félix se descreve como um cara discreto que procura se relacionar com semelhantes.



Patrick<sup>9</sup> e Eric<sup>10</sup> viviam em contextos urbanos. Embora o rural e o urbano não sejam isolados e estejam interconectados de maneira complexa (WANDERLEY, 2009), cada um desses ambientes moldou a produção de gênero de formas distintas. Os jovens relataram que, apesar das diferenças contextuais, havia uma pressão social generalizada para a heterossexualidade e para o estabelecimento de relações monogâmicas e reprodutivas. No entanto, os moradores das zonas rurais descreveram um ideal de masculinidade que se relaciona especificamente com elementos do mundo rural, destacando diferenças significativas na forma como a masculinidade é vivenciada e expressa em comparação com o ambiente urbano (LEAL, 2009).

Lito descreve que o homem do campo "*tem que ser bagual, tem que pegar boi pelo pescoço*". Em seu contexto, as práticas de gênero estavam relacionadas à virilidade, destreza e habilidades com animais de grande porte. As "*carneações*" descritas por ele revelam um espaço onde a masculinidade era (re)produzida entre seus primos, tios, pai e irmão, que compartilhavam pressupostos de masculinidade e reiteravam enunciados de gênero, dentre os quais o que nomeia este artigo. Através do que Lito conta, fica evidente que as divisões de tarefas no rural compõem um arcabouço de práticas que situam e produzem os sujeitos na esfera familiar, determinando posições de acordo com o gênero, para homens e mulheres no campo (PIECHA, 2020).

Nos espaços de sociabilidade na lavoura, surgiam analogias que definiam a masculinidade ideal, associada a elementos do meio rural, como a figura do "*touruno*": "tinha que ser macho; e eles faziam essas

---

<sup>9</sup> Patrick é um jovem homossexual de vinte e sete anos, natural de um município com um pouco mais de 60 mil habitantes, que fica a 150 km de Santa Maria. Ele associa seu contexto de origem a um forte tradicionalismo e conservadorismo que faria os habitantes de sua cidade terem a "mente fechada". Filho de uma professora e de um fazendeiro (atualmente), passou pela experiência do divórcio dos pais no início da adolescência. Após isso, teve a vivência com sua mãe marcada por conflitos devido a se distanciar da norma de gênero e sexualidade que lhe fora imposta, na época das entrevistas estava residindo no município para realizar estágios obrigatórios do curso em saúde.

<sup>10</sup> Eric, jovem homossexual de 26 anos, se autoreconhece como não-branco, originário de um município com uma população aproximada de 120.000 mil habitantes, relata ao assumir-se para sua mãe um sentimento de vergonha e rejeição; na exposição de sua homossexualidade afirmara lidar com o olhar incisivo da vizinhança. O fato de Erick ser originário de um município com um número de habitantes consideravelmente maior que os demais interlocutores evidenciou relações sociais de proximidade distintas, diferentemente dos demais interlocutores que afirmaram que "todo mundo conhece todo mundo" em suas cidades, as relações de proximidade para Erick estavam delimitadas principalmente em sua vizinhança, assim, pode construir um circuito de sociabilidade afastado do seu bairro, a qual conseguiu evitar olhares da vizinhança acerca de sua homossexualidade e estabelecer os primeiros contatos afetivos com outros homens.



analogias com as vacas e com os bichos também, de 'ah, tem que ser o touruno, o touro, não pode fraquejar nem nada'" (Lito, 24 anos). A figura do "touruno" refere-se ao boi mal castrado que procuraria vacas para o coito. Aqui, tal discurso é estimulado para reiterar concepções de gênero em que o "homem de verdade" porta um desejo sexual constante e está sempre realizando investidas no sexo oposto. Nesses espaços, o discurso é fundamental para a manutenção de estruturas de poder tal como Foucault (2012) argumenta que existem mecanismos de "rarefação do discurso", por meio dos quais se autoriza o dito e o não dito. Os discursos sobre a sexualidade nesses contextos evidenciam que a sexualidade não é reprimida, mas, a todo momento, está sendo estimulada na discursividade, com um objetivo específico: produzir sujeitos heterossexuais alinhados a práticas generificadas no meio rural.

Destaco o seguinte trecho para elucidar o modo como determinados ideais de masculinidade e do que é esperado para cada gênero emergiram discursivamente nas entrevistas:

**[...] os homens ali no campo cuidam dos bichos, cuidam de tudo que fica para fora de casa, de dar bóia (comida) para os bichos, cuidar da lavoura, capinar; tinha plantação de mandioca, de melancia e aí tinha que capinar. Às vezes minha irmã acabava indo também, mas era mais eu e meu irmão. Tudo que era pra fora de casa, que envolvia força, suor, tocar as vacas, curar, vacinar ovelha, tudo que envolvia os animais e tal. As mulheres faziam o trabalho que é de casa, "ah se carneava vaca elas ensacavam os pedaços", faziam os guisados, a comida depois, faziam comida para quando os caras chegassem quando tinha alguma carneação, alguma coisa grande que tinha... chamavam gente pra ajudar, aí minha mãe e minha tia faziam as comidas. Aí no ano novo também, essas coisas assim, os caras ficavam no galpão fazendo churrasco e as mulheres na casa conversando. No papo dos homens ali era de vaca, de bicho, eu não me identificava com nada daquilo** (Lito, 24 anos, grifos meus).

Félix, que também residia na zona rural, compartilha que seu contexto social segue uma rígida divisão de tarefas baseada no gênero, uma prática que se estende além do núcleo familiar. Ele relata que, após a morte de seu avô, sua avó teve que assumir os negócios, contudo, alguns fazendeiros se recusaram a fazer negócios com ela por ser mulher. As situações descritas pelos interlocutores convidam à reflexão sobre a



cultura local, na qual as dinâmicas de gênero são fortemente moldadas por convenções que reforçam conceitos tradicionais de masculinidade e feminilidade (PIECHA, 2020). Tais convenções exercem um controle significativo sobre os indivíduos que não se conformam com os padrões estabelecidos, ideais heterossexuais, monogâmicos e reprodutivos.

Félix também relata uma vigilância constante sobre o comportamento de gênero e sexualidade por parte dos moradores de seu município, mencionando o uso frequente do termo "*china*", utilizado para descrever um comportamento sexual promíscuo associado às mulheres. Além disso, conta sobre diversos escândalos envolvendo moradores locais que foram pegos mantendo intimidade com pessoas do mesmo sexo. Sua cidade natal apresenta o menor contingente populacional entre os jovens com quem conversei, cerca de pouco mais de três mil habitantes, o que conflui com os modelos de relações sociais propostos por Prado (1998) e Abramovay (2000), nos quais, quanto menor o número de habitantes, maior a coerção das relações sociais nesses contextos.

A literatura que trata da sexualidade vivenciada em “cidades pequenas” destaca a proximidade das relações como ponto central, onde as sexualidades dissidentes são organizadas (ARAÚJO; RIBEIRO, 2020; LOPES, 2016). Nesse contexto, a constante vigilância sobre gênero e sexualidade em seu município moldou o comportamento de Félix, que, sob forte pressão familiar, desempenhou com maestria as funções esperadas de um “homem bagual”, chegando a se gabar de atirar melhor que seu pai. No entanto, a exigência sobre seu gênero e sexualidade levou Félix a esconder sua homossexualidade de todos os membros da família e a tentar tirar a própria vida em dois momentos distintos<sup>11</sup>.

Ao se mudar para Santa Maria aos 26 anos, Félix conseguiu estabelecer contatos sexuais com outros homens por meio de aplicativos

---

<sup>11</sup> Dados apresentados pelo Conselho de Psicologia de Alagoas, segundo os quais a população LGBTI+ apresenta maiores índices de ideação suicida e de suicídios do que pessoas cisgêneras heterossexuais. Disponível em: <https://www.crp15.org.br/artigos/pesquisa-revela-o-risco-de-suicidio-na-comunidade-lgbt/>. Outros dados fornecidos pelo Observatório Mortes e Violências LGBTI no Brasil, expõe a fragilidade que jovens LGBTQIAPN+ enfrentam por serem dissidentes, resultando em cinco vezes mais chances de tentativa de suicídios. Ainda é necessário pontuar que municípios pequenos do interior sofrem da falta de métricas sobre esses dados, nas conversas que tive com Félix ele acabou relatando um suicídio e duas tentativas de suicídios de moradores de seu município que atribui ao fato de serem expostos ou circularem rumores sobre envolvimento afetivo e sexual com pessoas do mesmo sexo.



de relacionamento. As narrativas de Félix revelam uma intensa coerção social e vigilância comunitária, que resultam em sofrimento psíquico e social para dissidentes sexuais e de gênero. Nesse contexto, viver a homossexualidade é visto por ele como uma situação impensada, deixando apenas dois caminhos possíveis: mudar de cidade ou extinguir sua própria existência.

Observo que a convivência familiar tem como pedagogia de ensino da sexualidade, assim como a masculinidade, a violência (KIMMEL, 1998; WELZER-LANG, 2001). Lito, por exemplo, relata a constante pressão de seu pai para que se tornasse um “homem do campo” e a forma como sua mãe exigia que ele demonstrasse atributos tradicionais de masculinidade, como andar “feito homem” e falar grosso. As interações familiares, e também com a vizinhança, foram moldadas pelo medo da rejeição, pela vergonha e pela dificuldade de visualizar a vivência da homossexualidade, tanto dentro do município quanto fora dele.

Para analisar esses mecanismos de segredo e visibilidade, utilizo a teoria de Eve K. Sedgwick (2007), que descreve o conceito de “armário” como um símbolo da opressão gay no século XX. Sedgwick argumenta que o “armário” — ou a ocultação da não conformidade com as normas de sexualidade — não é um fenômeno isolado, mas sim um processo contínuo que envolve decisões repetidas sobre a revelação da sexualidade. A “gramática do armário”, ou seja, o dispositivo de (in)visibilidade da homossexualidade, é útil para descrever as trajetórias dos interlocutores e suas experiências contemporâneas.

Ressalta-se que, no retorno a suas cidades de origem, os interlocutores fazem mudanças conscientes na apresentação de si, como ajustar sua linguagem, suas vestimentas e o não uso de aplicativos de relacionamento, seja pelo medo da exposição da homossexualidade ou de comentários que “*circulam pela boca do povo*”. No entanto, a visibilidade da homossexualidade no contexto familiar apresenta complexidades que precisam ser discutidas.

Situações similares ao que encontrei em minha pesquisa foram descritas por Guilherme Passamani (2010) em uma pesquisa com jovens gays universitários residentes na mesma cidade em que fiz minha pesquisa, que organizavam suas relações sociais com base na ocultação



da homossexualidade. Esses jovens criaram seus próprios mecanismos de vivência da sexualidade, e a “*sociedade do apertamento*” é descrita por Passamani (2010) como um espaço onde eles permitiam interagir de modo mais livre sobre aspectos de sua homossexualidade. Esses jovens se encontravam no apartamento de um amigo no centro da cidade e se permitiam conversas abertas sobre sua homossexualidade, relacionamentos, desejos etc. No entanto, na ausência desse local seguro, comportavam-se e apresentavam-se como heterossexuais, inclusive para suas famílias.

Os jovens que compõem esta pesquisa apresentam semelhanças com os interlocutores de Passamani (2010): são homens gays, universitários e que se mudaram de cidades menores para Santa Maria com o objetivo de realizar a graduação. Contudo, esses jovens se diferenciam na forma como organizam a visibilidade da sexualidade, onde as redes sociais e aplicativos de relacionamento ocupam uma posição central na homosociabilidade e na visibilidade da sexualidade. Em conjunto, na maioria dos casos, há uma visibilidade da homossexualidade para alguns membros da família, que acabam por entrar no “armário” junto com esses jovens.

O contexto familiar exhibe uma complexidade em relação à visibilidade da homossexualidade. Os interlocutores que comunicaram sua homossexualidade a familiares e amigos obtiveram aceitação, evidenciada pelo contato contínuo com suas famílias e suporte emocional e financeiro na mudança de cidade. Contudo, a vivência da homossexualidade não é discutida abertamente no meio familiar. Um exemplo disso é Lito, que namorou por dois anos sem apresentar seu parceiro à família.

A revelação da homossexualidade nesse contexto evidencia a constante relação entre segredo e visibilidade. Os interlocutores que se assumiram como homossexuais para membros da família (principalmente mães e irmãs) frequentemente relataram uma aceitação condicional: a homossexualidade é aceita, desde que não seja discutida abertamente. Desse modo, o “*não falar sobre*” tornou-se uma afirmação comum nas narrativas, refletindo a falta de abertura para a vivência cotidiana da homossexualidade dentro do núcleo familiar. Em determinado momento, rompe-se a barreira em relação à



homossexualidade, mas criam-se novas barreiras discursivas. Quando comparadas às vivências heterossexuais, essas barreiras evidenciam a desigualdade de prestígio e aceitação que a homossexualidade encontra no privado, evidenciando como o “dispositivo da sexualidade” cunhado por Sedgwick (2009) continua a exercer peso nas vivências homossexuais contemporâneas.

Além da trajetória familiar, a escola se destacou como reprodutora da normatividade de gênero, por meio de um currículo oculto (LOURO, 2000) de práticas sociais que evidenciam sujeitos dissidentes da norma. No cotidiano escolar, foram demarcadas pelos interlocutores a divisão de gênero na educação física, na qual os meninos devem se identificar com o futebol e as meninas com a ginástica. Essas práticas foram reproduzidas por eles na tentativa de se integrar ao grupo aceito, que compartilhava os mesmos comportamentos de gênero.

Além disso, foram comuns as narrativas de violência simbólica (KIMMEL, 1998) descritas pelos interlocutores no contexto escolar. Patrick e Eric relataram violências marcantes em sua infância, de estigmatização pelo reconhecimento de “feminilidade”, Patrick, por usar uma camiseta rosa e apresentar “*trejeitos*” em sua performatividade de gênero, foi associado por uma professora a estar parecendo “*uma mulher*”. Já para Eric, em uma competição de desfile, por andar de maneira considerada “feminina”, foi retirado da atividade com outros estudantes e isolado em uma sala de aula.

Patrick: **Teve uma vez que fui com uma camisa rosa linda que eu tinha achado no guarda-roupa da minha avó**, e ela era bem clima anos 80 e eu fui com ela para escola me achando “a vintage”; e **aí essa professora parou a aula e falou assim “meu deus tu parece uma mulher”**, ela era uma professora bem “tantan”, ela falou “nossa tu parece uma mulher” e ficou um tempo parada refletindo, viajando, não sei se causei alguma desconstrução mais brusca nela, não sei se eu feri ela de alguma maneira, trouxe alguma memória, **mas ela parou a aula e disse “tu tá parecendo uma mulher”** não lembro mais o que ela disse, eu lembro do momento que ela parou e me olhou e eu fiz uma cara de desentendido.

Pesquisador: Como seus colegas reagiram nessa situação?



**“Tem que ser bagual, tem que pegar boi pelo pescoço”:**  
Masculinidades interioranas e o dispositivo do armário em Santa Maria - RS

271

Patrick: Foi no primeiro ano do ensino médio né, então já estava nos 15 anos, já havia me aceitado como gay **e aí ficou todo mundo em choque assim porque ninguém esperava aquele comentário**, eu estava conversando sei lá o que estava fazendo, ficou todo mundo **“o que está acontecendo aqui?”** do nada isso” (grifos meus).

De forma semelhante, Eric enfrentou dificuldades no ambiente escolar por transgredir as normas estabelecidas. O episódio mencionado anteriormente refere-se a uma cena durante um desfile escolar, em que tentou emular o estilo da modelo Gisele Bündchen. Seu desfile, considerado “feminino”, resultou na sua remoção abrupta da atividade por uma professora. Esses eventos revelam como o constrangimento é imposto e reforçado por professores e colegas, com o objetivo de consolidar normas rígidas de gênero e sexualidade. Isso, por sua vez, evidencia a falta de preparo para lidar com a diferença no contexto escolar e como essas práticas contribuem para a perpetuação de estigmas e exclusões.

Nossa, tem uma situação que eu nunca esqueço. Eu estava na primeira série. Todo o ano na escola - não sei se na sua cidade também - mas o povo faz uma série de brincadeiras tipo desfile, coisa assim, concurso essas coisas. **Eu tinha sete anos e aí tá, iria num desfile na escola; e tem jeito de menino desfilando e tem jeito de menina, pelo menos naquela época tinha. E aí chegou a minha vez e a minha referência de desfile de modelo, essas coisas, era a Gisele Bündchen.** E aí na hora de desfilar **eu fui muito afeminado com a mão na cintura e tudo mais. Aí a professora veio me tirou e me colocou em uma sala, me deixou lá**, eu nem lembro o que aconteceu. Mas coisas que eu hoje enxergue como algo que talvez tenha tido alguma coisa a ver com sexualidade ou algo do tipo foi essa ocasião, para mim foi bem marcante [...] **o que marcou para mim assim foi ela me tirando**, mas eu não lembro do que ela me falou ou se ela falou alguma coisa (Eric, 26 anos, grifos meus).

Os relatos dos interlocutores abordam como a escola desempenha um papel significativo na produção e regulamentação das normas de gênero. Patrick enfrentou violência por usar uma camiseta de cor considerada “feminina”, e Eric foi punido por adotar trejeitos



considerados “femininos”. Guacira Lopes Louro (2000) discute como os espaços educacionais limitam a convivência com a diferença. Se cruzarmos esses dados com pesquisas relacionadas<sup>12</sup> à temática LGBTQIAPN+ no ambiente escolar, é possível perceber que pessoas dissidentes da norma de gênero e/ou sexualidade apresentam maior vulnerabilidade física e mental nesse contexto, se comparados a sujeitos heterossexuais.

As relações familiares e sociais, marcadas pela constante vigilância e constrangimento, tiveram um impacto significativo na decisão desses jovens de deixarem seus contextos de origem. Em suas narrativas, os interlocutores descreveram suas cidades de origem como “atrasadas”, “do século XIX” e com pessoas “de mente fechada”, sugerindo que a vivência da homossexualidade era inconcebível nesses ambientes. Em contraste, Santa Maria foi retratada como um espaço de libertação sexual e acolhimento, oferecendo oportunidades para que pudessem expressar suas identidades de forma autêntica. Contudo, essas oposições repetidas nas narrativas individuais precisam ser problematizadas, pois se mostram limitantes para a compreensão das relações estabelecidas entre Santa Maria e seus municípios de origem. Lopes (2016) problematiza ao analisar discursos sobre cidades pequenas e homossexualidade, afirmando que:

[...] ao nos reportar a oposições como tradicional versus moderno, centro versus periferia, rural versus urbano, simples versus complexo, capital versus interior, não corremos o risco de substancializar os fenômenos que pretendemos compreender construindo um modelo (ou mesmo aplicando um modelo pronto) que não encontra efetividade na maneira como os sujeitos vivem ou compreendem a realidade? Em outras palavras, em que medida não estamos impondo um olhar “colonizador das sexualidades” para as “cidades do interior” (LOPES, 2016, p.34-35).

Nas narrativas e vivências dos sujeitos, é perceptível uma constante preocupação com a visibilidade da homossexualidade, mesmo

---

<sup>12</sup> Os dados da Pesquisa Nacional sobre o ambiente educacional no Brasil (2016) com o tema “as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais” apresentou que 60,2% dos jovens já se sentiram inseguros na escola por conta da sexualidade, sendo 38,04% dos jovens se sentiam vulneráveis ao usar o banheiro e 36,01% evitavam atividades relacionadas a prática de educação física. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2018/07/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>> Acesso em 18 out 2024.



no contexto de Santa Maria. O afastamento da vigilância da família e dos vizinhos permite que experimentem a sexualidade de maneira diferente. Viver em um lugar mais populoso, como Santa Maria, oferece mais oportunidades de interação com outros homens gays. No entanto, existem nuances na exposição da masculinidade, especialmente por meio de aplicativos de relacionamento, que, em muitos casos, acabam se tornando uma extensão do “armário” (MISKOLCI, 2009).

Embora os jovens afirmassem que a homossexualidade só poderia ser vivenciada fora de suas cidades de origem, eles também reconheceram a presença de indivíduos homossexuais em seus municípios, e alguns relataram experiências afetivas com outros homens enquanto ainda residiam nesses contextos. Mesmo com a percepção de que Santa Maria possibilita relações com outros homens, os interlocutores demonstraram preocupação com a visibilidade da homossexualidade e a performatividade de gênero, tanto em espaços offline na cidade quanto nos aplicativos.

### **Masculinidades, homossexualidades e aplicativos de relacionamento**

No contexto de investigação sobre aplicativos e as masculinidades agenciadas nos perfis dos usuários, observo que elementos culturais locais se misturam com influências da cultura global, criando novas configurações de masculinidade nos ambientes digitais nos contextos que venho pesquisando. Como já mencionado, para Connell e Messerschmidt (2013), a definição de um ideal hegemônico de masculinidade é complexa, pois as mudanças na estrutura de gênero variam de acordo com o contexto, resultando em diversas formas de masculinidade e feminilidade locais. Embora a hegemonia seja exercida por meio de exemplos de masculinidade, como os ídolos esportivos, que têm autoridade simbólica, a maioria dos homens e meninos não vive de acordo com esses padrões (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263). Dessa forma, ainda é possível identificar elementos que definem o ideal global de masculinidade, “moldados nas esferas transnacionais da política mundial, mídia e comércio, como evidenciado pelos estudos



sobre masculinidades e globalização” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

Como Richard Miskolci (2016) destaca, o modelo de masculinidade mais desejado entre homens gays é resultado de três principais transformações históricas: (1) a epidemia de HIV/AIDS, que, buscando se afastar do estigma da doença, fez com que homens gays começassem a trabalhar seus corpos na academia, resultando na ideia de corpos “sarados”, ou seja, ausentes de doença; (2) a pornografia homossexual, que inverte estigmas da homossexualidade e os coloca como sujeitos desejantes, o que, por sua vez, acaba por reforçar um modelo estético corporal; e (3) o regime de perseguição e repressão à homossexualidade, que levou muitos homens a mimetizarem a masculinidade heterossexual como mecanismo de proteção em relação à sua sexualidade.

A presença de um determinado ideal estético e de masculinidade perpassa igualmente o aplicativo de relacionamento. A figura do “padrão” é utilizada para expressar normas sociais que orientam o desejo. A busca pelo “padrão Rio de Janeiro”, como afirma Patrick, que impera no aplicativo, representa um ideal de masculinidade globalmente difundido e visível na plataforma, descrito por Patrick como “homens masculinos, bombados e que cheiram a Chanel”. Em conjunto, Lito relata: “Eu acho que tem esse ideal, essa procura por ‘padrões’, né? O musculoso, bronzeado, sarado. E tem muito dessa procura. Eu vejo caras que só têm o abdômen na foto; e então eles geralmente procuram caras iguais a ele” (Lito, 24 anos).

Em contrapartida, Antônio, outro usuário do aplicativo, afirmou que os perfis de Santa Maria “pedem um Tom Cruise e são um Faustão”, ilustrando duas dimensões das buscas no aplicativo: as contradições entre os usuários de Santa Maria, onde as demandas e exigências dos perfis muitas vezes não são atendidas pelos próprios usuários na plataforma; e o modo como modelos de masculinidade influenciam as percepções de usuários em contextos interioranos. As observações em campo e as entrevistas evidenciam que, embora modelos ou ideais de corpo e masculinidade influenciem o imaginário sexual desses homens, não definem, por si só, os tipos de relações estabelecidas.

Como mencionado na introdução, Patrick reconhece que a grande maioria dos usuários não está de acordo com esse padrão, o que exige



uma reflexão sobre como as relações se dão através do aplicativo e os diferentes agenciamentos realizados na tentativa de aproximar-se desse padrão, angariando “capital afetivo” ou “capital sexual” (ILLOUZ, 2011; ILLOUZ; KAPLAN, 2020).

As pesquisas de Eva Illouz (2011) e Eva Illouz e Danna Kaplan (2020) ajudam a pensar a transformação das relações afetivas a partir dos aplicativos de relacionamento e como o capitalismo se introjetou nesse segmento, modificando as relações mediadas pela tecnologia. Illouz (2011) afirma que, na internet, os sujeitos se encontram em um movimento intenso de olhar sobre si mesmos, o que desperta uma constante busca por uma melhoria pessoal, como ela diz: “até o prato gastronômico mais requintado ainda pode ser superado” (ILLOUZ, 2011, p. 53).

Ao buscar compreender o que seria o “prato gastronômico mais requintado”, Illouz (2011) recorre à teoria de Bourdieu para nomear o “capital afetivo”, que faz com que os usuários sejam mais ou menos desejados conforme se aproximam de determinadas características. A teoria dos capitais sustenta que o capital é parte de uma relação de desigualdade material e simbólica, sendo que possuir determinado capital coloca o sujeito em melhores posições na esfera social.

Posteriormente, Eva Illouz e Danna Kaplan (2020) cunham o conceito de “capital sexual”. Para as autoras, os segmentos de aplicativos de relacionamento estão, na maioria das vezes, voltados ao sexo casual. Assim, o “capital sexual” apresenta três eixos principais: (1) aparência (rosto e corpo); (2) estilo sociocultural; e (3) afetividade. O “capital sexual” torna-se definidor da posição do sujeito na estrutura do desejo e pode proporcionar ganhos sociais e econômicos. Quanto aos ganhos econômicos derivados do capital sexual, as autoras citam pessoas que trabalham com o sexo e grandes corporações que lucram com a produção do desejo erótico. Em um nível pessoal, elas destacam que o capital sexual traz autoestima, autoexpressão e autonomia; ao deter o capital sexual dominante, o indivíduo pode obter ganhos sexuais e sociais dentro da configuração da estrutura do desejo.

As expressões “*padrão*” e “*padrão Rio de Janeiro*” surgem para definir o capital sexual dominante no aplicativo estudado. No entanto,



apesar de os interlocutores reconhecerem que esse modelo orienta o desejo dos usuários, ele é pouco representado na localidade em questão. Isso é evidenciado pela fala de Antônio, que diz: "*pedem um Tom Cruise e são um Faustão*", e por Patrick, que afirma: "*90% dos usuários estão fora do padrão*".

A investigação revela que os usuários dos aplicativos, incluindo os interlocutores, negociam com a norma de masculinidade ao tentar incorporar em suas apresentações pessoais os traços desse ideal, a fim de tornar seus perfis mais desejáveis. Além disso, destacam em seus perfis pessoais códigos associados à masculinidade local. Por exemplo, ao analisar o perfil de Félix, as fotografias exibidas no aplicativo evocam um modelo de masculinidade pautado na rusticidade. Suas fotos o mostram usando bombacha, indumentária tradicional gaúcha, andando a cavalo, tomando mate no campo, entre outros elementos que refletem sua trajetória oriunda do meio rural.

Os jovens universitários constantemente buscam se aproximar do capital sexual dominante. Félix e Lito, por exemplo, escolhem se descreverem como "*discretos*" em seus perfis, uma estratégia para afirmar um ideal específico de masculinidade e vivência cotidiana da sexualidade. Lito explica que, embora seja homossexual assumido na maior parte de suas relações sociais, opta pela "*tribo discreto*" por associá-la à sua timidez. No entanto, quando questionado sobre como outros usuários poderiam interpretar seu perfil, ele afirma que exibir o rosto com barba, adotar a tribo discreto e se descrever como ativo no campo sexual desperta o imaginário dos outros, reforçando concepções de masculinidade que circulam nos aplicativos.

Patrick afirmou em nossas conversas que frequentemente vai a academia a fim de se aproximar da categoria "*barbie*" utilizada como tribo no aplicativo para denominar homens musculosos. Ao descrever sobre seu próprio perfil ele afirma:

Patrick: Eu peguei uma foto mais recente, uma qualidade boa, que **mostra um pouco de físico, porque não né, é o cartão de visitas**, mas sem mostrar demais, estava um braço ali aparecendo, mas a camiseta estava cobrindo. Então, sem ser "vulgar".

Pesquisador: E o que você acha que suas fotos falam sobre você?



Patrick: Piranha de classe (risos), eu acho que mostra isso que eu não estou ali desesperado por sexo, **mas que eu me cuido fisicamente e que eu sou amigável, quando mostra o rosto**, ou mostra em um ambiente tão enjaulado, mostra que sou amigável (grifos meus).

Tanto os perfis de Félix, Lito e Patrick agenciam, de maneiras distintas, categorias e códigos escritos ou visuais, com o objetivo de aumentar seu “capital sexual” e torná-los mais desejados pelos demais usuários. No processo de construção de si através do perfil, os usuários incorporam e acionam conscientemente ideais de masculinidade. Ao analisar os perfis de maneira mais ampla, é possível observar a busca recorrente pela associação à masculinidade entendida como heterossexual, além do desejo de se distanciar da feminilidade.

A busca exclusiva pelo “*padrão Rio de Janeiro*” é rara no aplicativo, pois esse ideal envolve uma interseção entre classe, estilo sociocultural e padrões estéticos que não correspondem à realidade de Santa Maria. No entanto, ele é importante para entender como o desejo é organizado nos aplicativos de relacionamento, revelando o capital sexual desejado e permitindo compreender as diferenças na construção do desejo em diferentes contextos sociais.

Ao analisar a produção de masculinidade no contexto dos interlocutores e no aplicativo, percebe-se que existem modelos dominantes que variam conforme o ambiente — digital ou offline. Nas áreas urbanas de seus municípios de origem, o modelo de masculinidade desejável está associado à heterossexualidade, monogamia e reprodução. Já nas zonas rurais, atividades como o cuidado de animais de grande porte, o trabalho com gado e a vida no meio rural são vistas como qualidades que definem o “homem de verdade”.

Em contraste, o aplicativo organiza a masculinidade de forma diferente, valorizando o corpo sarado e a masculinidade que remete à heterossexualidade como modelos de desejo. No entanto, a busca por esse ideal revela a complexidade de conceber um padrão desejado e a possibilidade de alcançá-lo, mostrando que os contextos interioranos têm uma relação distinta com esse modelo, refletindo uma (re)atualização dos ideais de masculinidade conforme a cultura local.



## Considerações Finais

As entrevistas e a pesquisa de campo permitiram identificar como os modelos de masculinidade são construídos e influenciados por uma combinação de ideais hegemônicos globais e tradições locais, especialmente através das mídias digitais. Observou-se que os modelos de masculinidade regionais e locais interagem e se sobrepõem, resultando em configurações variadas dessa masculinidade.

Nos contextos individuais dos interlocutores, emergiram distintos enunciados de gênero. Para os moradores da zona rural, a masculinidade é frequentemente associada a características do meio rural, como ser “*bagual*”. As práticas tradicionais, como as “*carneações*”, exemplificam tarefas que reforçam uma masculinidade rural, similar ao que Leal (2019) descreve sobre o galpão, funcionando como espaços de ensino e reprodução dos valores masculinos do campo.

Além das influências rurais, outras instituições sociais, como a escola e a vizinhança, desempenham papéis cruciais na vigilância de gênero e sexualidade. Comportamentos que não se conformam às normas tradicionais de masculinidade são punidos com violência simbólica, como insultos e estigmatização, evidenciando a pressão para manter uma performatividade de gênero específica.

No ambiente dos aplicativos de relacionamento, surge um novo ideal de masculinidade, que se relaciona com o ideal hegemônico global. O corpo musculoso e a virilidade, assim como a tentativa de “passar por hétero”, orientam as interações e desejos dos usuários. A figura do “*padrão*” descreve um modelo estético característico de masculinidade, classe e corpo, mas é insuficiente para descrever a masculinidade dominante e a estrutura das relações entre os homossexuais no aplicativo.

Em conclusão, a análise das dinâmicas de masculinidade e capital sexual nos aplicativos de relacionamento revela a complexidade das identidades sexuais e de gênero em contextos distintos. Embora o “*padrão Rio de Janeiro*” se apresente como um ideal dominante, ele é pouco representado em locais como Santa Maria, onde as especificidades culturais e sociais moldam diferentes concepções de masculinidade. A busca por esse padrão, que envolve negociações de aparência e



comportamentos, reflete como o desejo é organizado e alterado pelos contextos sociais, sejam urbanos ou rurais. Além disso, a relação entre as normas de masculinidade e as interações digitais mostra que, ao negociarem sua visibilidade e identidade, os indivíduos não apenas tentam atender a um modelo de desejo, mas também reconfiguram as expectativas culturais e locais. Isso evidencia que, no contexto dos aplicativos, as construções de masculinidade estão em constante (re)atualização, sendo influenciadas pelas dinâmicas de cada cultura e pela interação com as novas formas de expressão sexual e afetiva.

## Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Bruna Silva; RIBEIRO, Fernanda Maria Vieira. Cidades pequenas, personalidade e família na perspectiva do armário gay. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 15, n. 1, p. 83-96, jan./jul. 2020. ISSN 1982-3800.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, Raewyn, W. **Masculinidades**. Universidade Nacional Autônoma do México: Cidade do México, 2003.
- CONNELL, Raewyn, W. Política da Masculinidade. **Educação e realidade**: 20(2):185-206 jul./dez. 1995.
- CONNELL, Raewyn. W.; MESSERSCHMIDT, James. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 424-443, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100018>.
- CONNELL, Raewyn. W.; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução de M. Moschkovich. São Paulo: Nversos, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo, Graal, 2010.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: embedded, embodied and everyday. London: Bloomsbury, 2015.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Camila (Eds.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 15–34.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva; KAPLAN, Danna. **El capital sexual en la modernidad tardía**. traducción Vicente Merlo Lillo. Barcelona: Herder editora, 2020.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos**, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LEAL, Ondina F. Os gaúchos: cultura e identidade masculina no Pampa. **Tessituras**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 33–46, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30800/tessituras>.

LOPES, Moisés Alessandro de Souza. Algumas observações sobre as homossexualidades em "contextos interioranos": lançando questões de "fora dos centros". Amazônica: **Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1, p. 24-37, 2016.

LOURO, Guacira L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

PASSAMANI, G. R. “Na Batida da Concha”: um Olhar Antropológico sobre Homossexualidade Masculina no Interior do Rio Grande do Sul. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 121–134, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1388>. Acesso em: 01 fev. 2025.

PIECHA, R. “**O serviço que não aparece**”: A divisão sexual do trabalho e as formas de agenciamento de mulheres camponesas em Jaguari - RS. Santa Maria: Dissertação de mestrado, 2020. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2020.

PRADO, Rosane M. Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 4, p. 31-56, 1998.



ROSE, Nicolas. Administrando indivíduos empreendedores. In: ROSE, Nicolas. **Inventando nossos selfs:** Psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19–54, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000100002>.

SOUZA, Lucas Henrique de. **Homossexualidades e cidades pequenas:** a experiência de homens gays em cidades pequenas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44., 2021, Campinas. Anais Eletrônicos: Anpocs, 2021. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSVZPIjtzOjQ6IjQ2OTliO3oiO3M6MToiaCI7czozMjoiNjlmM2IxY2JkMGUzYTlhNjFiMmVlNDk3MzIwYmU1YjliO3o%3D> Acesso em 01 fev 2025.

WANDERLEY, Maria N. B. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos Sociais e Agrários**, v. 17, n. 1, p. 60–85, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100004>.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 281–297, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200005>.



## “It has to be bagual, it has to grab an ox by the neck”: masculinities in the countryside and the device of the closet in Santa Maria - RS

THIS WORK PRESENTS THE RESULTS OF A MASTER'S DEGREE RESEARCH THAT USED DIGITAL ETHNOGRAPHY TO INVESTIGATE THE GRINDR APPLICATION, A GEOLOCATION PLATFORM FOCUSED ON SEXUAL ENCOUNTERS BETWEEN MEN. THE RESEARCH FOCUSED ON THE EXPERIENCE OF FOUR YOUNG UNIVERSITY STUDENTS, AGED BETWEEN 24 AND 27, LIVING IN SANTA MARIA AND COMING FROM SMALLER CITIES OR RURAL AREAS OF RIO GRANDE DO SUL. THE INVESTIGATION SHOWED HOW THESE YOUNG PEOPLE LEARNED ABOUT MASCULINITY IN THEIR FAMILY CONTEXTS, SCHOOL AND SOCIAL IN THEIR CITIES OF ORIGIN, AND ALSO, HOW SUCH EXPERIENCES IMPACT THEIR USES IN RELATIONSHIP APPS. THE RESEARCH EXPOSED SIMILARITIES AND DIFFERENCES IN THE TRAJECTORIES OF THE INTERLOCUTORS, HIGHLIGHTING THE INFLUENCE OF THEIR ORIGINS IN THE "COUNTRYSIDE" ON THEIR UNDERSTANDINGS OF GENDER AND SEXUALITY, WHERE ELEMENTS OF RURAL CULTURE ARE CENTRAL IN THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF MASCULINITY IN THE INTERIOR OF RIO GRANDE DO SUL. THE TERM "BAGUAL", WHICH DESCRIBES A RISKY AND BRAVE MAN, EXEMPLIFIES AN IDEAL OF MASCULINITY LINKED TO RURAL WORK AND LIVESTOCK FARMING, PREDOMINANT AMONG PARTICIPANTS FROM RURAL AREAS. THE RESEARCH ALSO ANALYZED HOW THESE YOUNG PEOPLE NAVIGATE BETWEEN DIFFERENT CONTEXTS — THEIR CITY OF ORIGIN, THEIR UNIVERSITY TOWN AND THE GRINDR PLATFORM — AND HOW THEY STRATEGICALLY USED MASCULINITY CODES ON THE APP TO FORM AND MANAGE THEIR SEXUAL AND GENDER IDENTITIES.

KEYWORDS: Masculinities. Homossexualities. Countryside. Dating apps.

**Daniel da SILVA STACK**

*Pesquisador na área de gênero e sexualidade, compõe o Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS) e o Núcleo de Estudos sobre Emoções e Realidades Digitais (NEERD). Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) onde investiga o modo como geração e envelhecimento impactam as experiências afetivas e usos de aplicativos de relacionamento para homens gays nascidos até 1980 no interior de Santa Catarina. Tem experiência na área de antropologia e sociologia digital, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero e*



**“Tem que ser bagual, tem que pegar boi pelo pescoço”:**  
Masculinidades interioranas e o dispositivo do armário em Santa Maria -  
RS

**283**

*sexualidade, masculinidades, homossexualidades, mídias digitais,  
interior e aplicativos de relacionamento.*

*Recebido em: 18/10/2024*

*Aprovado em: 26/12/2024*